

LISTA ETIMOLÓGICA DOS GÊNEROS DE ORCHIDACEAE NO BRASIL (PARTE 1)

Leonardo Ramos Seixas Guimarães ⁽¹⁾

Introdução

No Brasil, a família Orchidaceae é amplamente utilizada para fins ornamentais e comerciais, aumentando anualmente o número de jardineiros e horticultores que adquiram este *hobby*. Contudo muito pouco desses orquidófilos eram botânicos experientes ou tiveram a oportunidade de aprender grego e latim antigos. Os nomes latinos (científicos) das orquídeas eram vistos como um estorvo e muitas pessoas têm dificuldade em lembrá-los quando eles são usados fora de um contexto botânico.

Já existem publicações sobre a etimologia dos nomes genéricos de orquídeas (Schultes & Pease 1963, Mayr 1998), inclusive em língua portuguesa (Urpia 1949, Raposo 1998, s.d.). Entretanto, com as recentes mudanças taxonômicas e nomenclaturais, principalmente devido às análises filogenéticas moleculares, novos gêneros foram criados ou restabelecidos (Blanco *et al.* 2007, Singer *et al.* 2007, Chase *et al.* 2009), fazendo-se necessário uma atualização desses nomes. Além disso, nas referências citadas acima, nem sempre são dados os étimos de origem, apenas o significado dos nomes genéricos, tornando-as incompletas e dúbias.

O objetivo deste trabalho é fornecer acesso ao nomes científicos dos gêneros das orquídeas brasileiras, tanto para o amador quanto para o botânico profissional, de uma maneira simples e objetiva, explicando a origem e significado dos elementos que compõem os nomes genéricos. Pois como já disse Mayr (1998): “os nomes das orquídeas não devem *intimar*, eles devem ser algo plano e claro.”

Preparo e desenvolvimento da lista

A seguinte lista foi baseada em floras (Cogniaux 1893-1896, 1898-1902, 1904-1906, Hoehne 1940, 1942, 1945, 1953) e listagens de gêneros (Pabst & Dungs 1975, 1977, Souza & Lorenzi 2005, Docha Neto & Baptista 2008, Barros *et al.* 2010) de Orchidaceae que ocorrem no Brasil. Foram considerados somente os nomes atualmente aceitos.

O étimo de um gênero vem grafado em itálico, apresentando, entre aspas simples, o significado de origem. Os substantivos latinos e gregos são citados no nominativo seguido de vírgula e desinência do genitivo, sem espaço em branco nem hífen intermediários. Os adjetivos latinos e gregos são citados na forma de nominativo. Os verbos latinos são citados nas suas formas principais, e os verbos gregos no infinitivo. Os acentos dos vocábulos foram representados seguindo a literatura especializada latina (Lebaigue 1881, Gaffiot 1934, Faria 1975) e grega (Pickering 1832, Woodhouse 1910). Os nomes dos gêneros de Orchidaceae podem ser separados em dois grupos principais: a) formados por elementos de origem grega e/ou latina; b) dedicados a um botânico ou coletor de plantas, e no caso das orquídeas, a um orquidólogo e/ou orquidófilo. Em algumas vezes, pode ser em homenagem a uma localidade geográfica, onde ocorre ou foi encontrada a orquídea, ou então é o nome de alguma personagem da mitologia greco-romana.

Nota do editor: Por ser uma lista muito extensa, foi dividida em partes, a primeira delas aqui publicada e as seguintes nos próximos números do boletim. Procuramos exemplificar com fotos o maior número possível dos gêneros abordados.

Aa **Rchb.f.**, Xenia Orchid. 1: 18. 1854. – origem obscura, com algumas hipóteses: 1. Reichenbach cunhou este nome tão simples para que sempre seja o primeiro de qualquer lista. 2. talvez da primeira e da última letra do gênero *Altensteinia* Kunth, do qual foi separado. 3. embora muito improvável, do editor e ilustrador holandês Pieter van der Aa (1659-1733), autor de importantes mapas das Américas e impressor de *Paradisus Batavus* (1698), do botânico holandês Paul Herman.



Aa argyrolepis

Acianthera **Scheidw.** in Otto & A.Dietr., Allg. Gartenzeitung 10(37): 292. 1842. – grego *akis,idos* ‘ponta, objeto pontudo’ + latim científico *anthēra* ‘antera’, em referência à antera pontiaguda.



Acianthera bohnkiana

Acineta **Lindl.**, Edwards’s Bot. Reg. 29(Misc.): 67. 1843. – grego *akinētos,ē,on* ‘sem movimento, imóvel’, de *a* ‘não’ + *kinētós,é,ón* ‘móvel, que pode ser movido’; devido ao labelo rígido e não articulado, e à consistência carnosa e grossa das flores, as quais não podem ser abertas manualmente, sem que haja dano (Gerlach 2009).



Acineta alticola

Adamantina **Van den Berg & C.N.Gonç.**, Orchid Digest 68(4): 231. 2004. – latinização de Chapada Diamantina, Bahia, Brasil.

Aganisia **Lindl.**, Edwards’s Bot. Reg. 25(Misc.): 45. 1839. – grego *aganós,é,ón* ‘amável, doce’, de *a-* ‘prefixo intensivo’ + *gános,eos,ous* ‘brilho’; planta e flores de aparência limpa e elegante.



Aganisia cyanea

Alatiglossum **Baptista**, Colet. Orquídeas Brasil. 3: 87. 2006. – latim *alātus,a,um* ‘alado, que tem asas’ + grego *glōssa,ēs* ‘língua’; o labelo apresenta lobos laterais muito desenvolvidos, aparentando duas asas.



Alatiglossum ciliatum

Anacheilium **Hoffmanns.**, Linnaea 16(Lit.): 229. 1842. – grego *aná* ‘no alto, em cima’ + *kheilos,eos,ous* ‘lábio’ + *-ion* ‘sufixo diminutivo’; alude à posição superior do labelo em uma flor não ressupinada.

Anathallis **Barb.Rodr.**, Gen. Sp. Orchid. 1: 23. 1877. – 1. grego *aná* ‘de novo, reiterado’ + *thállēin* ‘brotar, florir’, provavelmente em referência aos racemos produzidos sucessivamente em várias espécies (Pridgeon 2005a). 2. grego *aná* ‘no alto, em cima’ + *thállēin* ‘brotar, florir’, pela disposição das flores (Schultes & Pease 1963).



Anacheilium bueraremense

Anneliesia **Brieger & Lückel**, Orchidee (Hamburg) 34(4): 129. 1983. – de Anneliese Brieger Kaiser, esposa do botânico e geneticista alemão Friedrich Gustav Brieger (1900-1985).

Archivea **Christenson & Jenny**, Orchids (West Palm Beach) 65(5): 497. 1996. – inglês *archives* ‘arquivos’, do francês *archives* ‘coleção de peças, títulos e documentos antigos; lugar onde se conserva os arquivos’, do latim tardio *archivum, i* ‘palácio, tribunal; arquivo, lugar onde se guardam papéis e documentos antigos, cartório’, derivado do grego *tá arkheaiá* ‘as coisas muito antigas, os arquivos, os registros públicos’, plural de *arkheion,ou* ‘residência dos principais magistrados



Anathallis rubens

onde se guardam os arquivos de Atenas', de *arkhé,ês* 'poder, autoridade; cargo, magistratura'. O tipo e único espécime é uma aquarela (datada de 1823), feita pelo artista T. Duncanson, esquecida nos arquivos do Herbário do Orquidário dos Kew Gardens (Christenson & Jenny 1996, Whitten *et al.* 2000). A planta original foi recebida em 1816, vinda do Brasil, sem maiores informações.

Aspasia Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 139. 1833. – 1. latim *Aspāsia,ae*, do grego *Aspāsía,ēs*, nome da cortesã grega Aspásia, a Sábia (c.470-401/400 a.C.). Dotada de grande beleza e de educação apurada, sua casa foi o centro de reuniões dos intelectuais da época, como Alcibiades (soldado e político, c.450-404 a.C.), Sócrates e Péricles (político, c.495-429 a.C.), sendo que este último se apaixonou por ela e abandonou a própria esposa. 2. grego *aspásios,a,on* 'acolhido com alegria, bem-vindo, agradável; feliz', derivado de *aspázomai* 'saudar, acolher carinhosamente', devido ao aspecto vistoso e elegante das flores.

Aspidogyne Garay, Bradea 2(28): 200. 1977. – grego *aspís,ídos* 'escudo' + *gyné,gynaikós* 'mulher', em alusão ao grande rostelo recurvado que lembra um escudo.

Baptistonia Barb.Rodr., Gen. Sp. Orchid. 1: 95. 1877. – do filósofo, filólogo, historiador e poeta brasileiro Batista (Baptisto) Caetano de Almeida Nogueira (1826-1882). Publicou dois volumes de versos com o pseudônimo Macambúzio: *Um livro que, dizem, foi feito pelo poeta Macambúzio* (1855) e *Ecos da alma* (1856). Fez um esboço geral da gramática indígena, organizou um dicionário completo do tupi-guarani e expôs a conexão que há entre estes dois idiomas indígenas.

Barbosella Schltr., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 15(427-433): 259. 1918. – do botânico brasileiro João Barbosa Rodrigues (Rodríguez, 1842-1909), primeiro botânico brasileiro a estudar a flora das orquídeas do Brasil. Dedicou-se primeiro ao comércio, mas estava sempre interessado em ciências naturais. Tornou-se professor de desenho, especializando na botânica. Esteve na Amazônia em missão científica do Império (1872-75). Notou que os índios não só identificavam espécies e as denominavam conforme suas características, mas também criaram sistemas hierárquicos de classificação, baseados em morfologia externa e usos, muito semelhantes estruturalmente ao sistema de Lineu. Fundador (1884) e diretor (1884-90) do Jardim Botânico do Amazonas e diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1890-1909). Autor de *Genera et species orchidearum novarum quas collegit, descripsit et iconibus illustravit* (1877-82), *Structure des orchidées: notes d'une étude* (1883), *Vocabulário indígena com a orthografia correcta* (complemento da *Poranduba amazonense*) (1893), *Palmae mattogrossenses novae vel minus cognitae quas collegit descripsit et iconibus illustravit* (1898), *Sertum palmarum brasiliensium ou Relation des palmiers nouveaux du Brésil: découverts, décrits et dessinés d'après nature* (1903) e do volume "Palmae" (1882) na *Flora brasiliensis* de Martius; + latim científico *ēlla* 'sufixo diminutivo'.



Anneliesia kayasimae



Aspasia silvana



Aspidogyne argentea



Baptistonia pabstii



Barbosella australis



Baskervilla paranaensis



Batemannia colleyi

Baskervilla Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 505. 1840. – 1. do impressor e ilustrador inglês John Baskerville (1706-1775), que se notabilizou por fundir e gravar ele mesmo os caracteres que usava e criado o papel onde imprimia. Devido à perfeição dos seus tipos e das suas impressões, notáveis pela simplicidade, elegância e limpeza, as edições de Baskerville eram muito procuradas. Em 1750 estabeleceu a sua imprensa em Birmingham, onde por encargo da Universidade de Cambridge imprimiu, entre outros, a Bíblia inglesa. 2. do médico e botânico inglês Thomas Baskerville (1812-1840), autor de *Affinities of plants: with some observations upon progressive development* (1839).

Batemannia Lindl., Edwards's Bot. Reg. 20: t. 1714. 1834. – do botânico e orquidófilo inglês James Bateman (1811-1897). Organizou uma expedição científica na Guiana e escreveu *Orchidaceae of Mexico and Guatemala* (10 partes, 1837-43) e *A second century of orchidaceous plants* (1867).

Beloglottis Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 37(2): 364. 1920. – grego *bélos, eos, ous* ‘o que se lança; dardo; objeto pontiagudo’ + grego ático *glôtta, ës* ‘língua’, em referência ao labelo hastado, que quando estendido lembra uma ponta de flecha.

Bifrenaria Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 152. 1832. – latim *bi(s)* ‘dois, duas vezes’ + *frēnum, ī* ou *frēnī, ōrum* ‘freio’; alude às duas tiras dos caudículos (pequenas hastes que sustentam a polínia), conectando as polínias e as glândulas. Distingue-se do gênero *Maxillaria* por causa do caudículo duplo (Lindley 1832). O sentido baseia-se nos freios das antigas carroças, compostos de duas longas tiras (Campacci 2003).

Bipinnula Comm. ex Juss., Gen. Pl.: 65. 1789. – latim *bi(s)* ‘dois, duas vezes’ + *pīnnūla, ae*, de *pīnna, ae* ‘pluma, pena’ + *ūlus, a, um* ‘sufixo diminutivo’; alude às sépalas laterais que terminam em longa ponta ciliada como pluma.

Bletia Ruiz & Pav., Fl. Peruv. Prodr.: 119. 1794. – do farmacêutico e botânico espanhol (catalão) Luis Blet, administrador do Jardim Botânico de Algeciras, Cádiz, Andaluzia. Acompanhou os médicos e botânicos espanhóis Hipólito Ruiz López (1754-1815) e Sebastián José Antonio Pavón y Jiménez (1754-1844) nas explorações no Novo Mundo.

Brachionidium Lindl., Fol. Orchid. 8: 1. 1859. – 1. grego *brākhiōnion, ou* ‘pequeno braço’, de *brākhiōn, ou* ‘braço’ + *-ion* ‘sufixo diminutivo’; alude aos braços curtos da coluna, que não são estigmatíferos (Schultes & Pease 1963). 2. grego *brakhíōn, ou* ‘braço’ + latim *-(īd) ūs, a, um* ‘sufixo diminutivo’, devido aos pequenos “braços” ou lobos pareados do rostelo (Pridgeon 2005b).

Brachystele Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 37(2): 370. 1920. – grego *brakhýs, eia, ý* ‘curto, reduzido’ + *stélē, ës* ‘coluna’, aludindo à coluna e rostelo curtos.



Bifrenaria harrisoniae



Bipinnula canisii



Bletia catenulata



Braemia vitatta



Brasilidium zappii



Brasiliorchis porphyrostele



Brassavola tuberculata

Braemia Jenny, *Orchidee* (Hamburg) 36(1): 36. 1985. – do orquidólogo belga Guido Jozef Braem (1944-). Doutorou-se em Biologia Vegetal na Universidade de Newcastle upon Tyne, Inglaterra (1986), estudando a taxonomia do gênero *Oncidium*. Coletou plantas na África, Ásia e Américas. Diretor do Instituto Schlechter (1987) e editor da revista de orquídeas *Schlechteriana* (1987-94). Autor de *Cattleya* (2 volumes, 1984-86), *Paphiopedilum* (1988) e *Charles Darwin: une biographie* (2009), e co-autor e editor da edição em português de *Cattleya warneri* (1994) de Lou C. Menezes.

Brasidium Campacci, *Colet. Orquídeas Brasil*. 3: 78. 2006. – de Brasil + gênero *Oncidium*; pelo fato de ser uma planta tipicamente brasileira e relacionada com *Oncidium*.

Brasiliorchis R.B.Singer, S.Koehler & Carnevali, *Novon* 17(1): 94. 2007. – latim moderno *Brasil* + grego *órkhis, ios* ‘orquídea’, enfatizando que é uma orquídea essencialmente brasileira.

Brassavola R. Br. in W.T.Aiton, *Hortus Kew.*, ed. 2. 5: 216. 1813, *nom.cons.* – do físico, médico e botânico italiano Antonio Musa Brassavola (1500-1555), da Universidade de Ferrara. Escreveu *Examen omnium syruporum, quorum publicus usus est* (1545) e *Examen omnium simplicium, quorum usus in publicis est officinis* (1546).

Brassia R. Br. in W.T.Aiton, *Hortus Kew.*, ed. 2, 5: 215. 1813. – do ilustrador e colecionador de orquídeas inglês William Brass (?-1783). Coletou, para os Jardins Botânicos Reais, Kew, plantas no sul e oeste da África. Ilustrou mais de 800 plantas coletadas pelo naturalista inglês Sir Joseph Banks (1743-1820), na Guiné e África do Sul.

Buchtienia Schltr., *Repert. Spec. Nov. Regni Veg.* 27: 33. 1929. – do botânico alemão Otto August Buchtien (1859-1946). Mudou-se para a América do Sul (c.1893), onde foi professor no Chile e em La Paz, Bolívia (1908-23), estudando a flora dessa região. Diretor do Museu Nacional de La Paz; também coletou no norte da Patagônia e no Peru.

Bulbophyllum Thouars, *Hist. Orchid.*: t. 3. 1822, *nom.cons.* – latim *bulbus, ī* ‘bulbo, tubérculo’, do grego *bolbós, ou* ‘cebola’, + grego *phýllon, ou* ‘folha’; a planta apresenta uma ou duas folhas grossas e carnosas em cada pseudobulbo.

Caluera Dodson & Determann, *Amer. Orchid Soc. Bull.* 52(4): 375. 1983. – do médico e orquidólogo americano Carlyle August Luer (1922-), especialista na subtribo Pleurothallidinae e curador sênior do Jardim Botânico do Missouri, St. Louis. Quando ainda médico na Flórida, arrumava tempo para fotografar orquídeas perto de casa. Depois de 30 anos como cirurgião, se aposentou (1975) e dedicou-se integralmente à botânica. Descreveu mais de 1.500 novas espécies e 12 novos gêneros; e escreveu *The native orchids of Florida* (1972) e *The native orchids of United States and Canada, excluding Florida* (1975).



Brassia chloroleuca



Buchtienia boliviensis



Bulbophyllum dacruzii



Caluera tavaresii



Calyptrorchilum chrystianum



Camaridium ochroleucum



Campylocentrum robustum

***Calyptrichilum* Kraenzl.**, Bot. Jahrb. Syst. 22: 30. 1895. – grego *kalýptrā*, as ‘cobertura, véu’ + *kheîlos, eos, ous* ‘lábio’; a lâmina do labelo cobre a coluna e as polínias.

***Camaridium* Lindl.**, Bot. Reg. 10: sub t. 844. 1824. – grego *kāmāridion* ‘arco ou abóbada pequena’, de *kāmārā*, as ‘abóbada, quarto abobadado’ + *-(id)ion* ‘sufixo diminutivo’; refere-se ao ápice semicircular da coluna.

***Campylocentrum* Benth.**, J. Linn. Soc., Bot. 18: 337. 1881. – grego *kampýlos, ē, on* ‘curvo, recurvado’ + *kéntron, ou* ‘espora, aguilhão, ponta de lança’; alude ao labelo com um calcar longo, delgado e agudamente curvado.

***Capanemia* Barb.Rodr.**, Gen. Sp. Orchid. 1: 137. 1877. – do engenheiro, físico e inventor brasileiro Guilherme Schüch (1824-1908), primeiro e único Barão de Capanema (1881), sendo o primeiro a prever que as ferrovias seriam um dos fatores chave para a destruição derradeira da Mata Atlântica. Professor de física e mineralogia da Escola Militar, Rio de Janeiro. Fez importantes coletas de plantas no Ceará, entregando-as a Barbosa Rodrigues. Como inventor, desenvolveu um formicida contra a saúva. Fundador (1852) e diretor (1852-89) da Repartição Geral dos Telégrafos, instalou a primeira linha telegráfica nacional, entre São Cristóvão e o Quartel-General, no Rio de Janeiro, estendida até Petrópolis em 1855.

***Catasetum* Rich. ex Kunth**, Syn. Pl. 1: 330. 1822. – latim vulgar *cāta*, do grego *kātá* ‘embaixo’, + latim *saeta, ae* ou *sēta, ae* ‘cerda’, por causa dos dois processos filiformes da coluna, os quais são virados para baixo nas flores masculinas.

***Cattleya* Lindl.**, Coll. Bot. 7: t. 33. 1821. – do engenheiro e horticultor inglês Lorde William Cattley (1788-1835), patrono de botânica de Lindley. Uma das primeiras pessoas a manter uma coleção de orquídeas exóticas e quem “descobriu” (1818) a primeira *Cattleya* (na verdade, em cujas estufas floriu uma *Cattleya labiata* Lindl. (tipo), pela primeira vez na Europa, já que a planta é nativa da América do Sul).

***Cattleyella* Van den Berg & M.W.Chase**, Bol. CAOB 52: 100. 2004. – gênero *Cattleya* + latim científico *-ella* ‘sufixo diminutivo’.

***Caularthron* Raf.**, Fl. Tellur. 2: 40. 1837 [“1836”]. – grego *kaulós, ou* ‘caule’ + *árthron, ou* ‘junção, articulação’, referindo-se aos entrenós visíveis nos pseudobulbos quando maduros. De acordo com Schultes & Pease (1963), descreve as bases persistentes das folhas, as quais dão aos pseudobulbos alongados a aparência de estarem unidos.

***Centroglossa* Barb.Rodr.**, Gen. Sp. Orchid. 2: 234. 1882. – grego *kéntron, ou* ‘espora, aguilhão, ponta de lança’ + *glōssa, ēs* ‘língua’, referindo-se ao labelo alongado ou cônico, aberto na frente da coluna



Capanemia superflua



Catasetum fimbriatum



Cattleya labiata



Cattleyella araguaiensis



Caularthron bicornutum



Centroglossa macroceras



Chaubardia klugii

Chaubardia Rchb.f., Bot. Zeitung (Berlin) 10: 671. 1852. – do teólogo e naturalista francês Louis Athanase (Anastase) Chaubard (1785-1854). Viajou extensivamente na região do Mediterrâneo e suas observações geológicas levaram a escrever *Elemens de geologique mis a la portee de tout le monde, et offrant la concordance des faits geologiques avec les faits historiques, tels qu'ils se trouvent dans la Bible, les traditions egyptinnes et les fables de la Grece* (1833).

Cheiradenia Lindl., Fol. Orchid. 4: 1. 1853. – grego *kheir*; *kheirós* ‘mão’ + *adén, énos* ‘glândula’; refere-se ao calo do disco do labelo, que termina em saliências que parecem dedos.

Chloraea Lindl., Quart. J. Sci. Lit. Arts, ser. 2, 1: 47. 1827. – grego *khlōraia* ‘verde pálido’, de *khlōrós, á, ón* ‘verde’; alusão à cor verde-clara predominante nas flores.

Christensonella Szlach. et al., Polish J. Bot. 51(1): 57. 2006. – do botânico americano Eric A. Christenson (1956-), taxonomista de orquídeas. Autor de *Phalaenopsis: a monograph* (2001) e co-autor de *Icones orchidacearum peruvianum* (4 volumes, 1993-2001). Atualmente prepara uma enciclopédia de orquídeas para a Sociedade Orquidófila Americana; + latim científico *-ella* ‘sufixo diminutivo’.

Chytroglossa Rchb.f., Hamburger Garten- Blumenzeitung 19: 546. 1863. – grego *khýtros, ou ou khýtra, as* ‘vaso de argila, marmita; pequeno pote’ + *glōssa, ēs* ‘língua’, por causa da concavidade do labelo.

Cirrhaea Lindl., Edwards’s Bot. Reg. 18: t. 1538. 1832. – 1. derivado do latim *cirrus, ī* ‘anel ou caracol de cabelo, fios em nó, filamentos enovelados; gavinha’, alusão ao rostelo, que se prolonga em forma de um pequeno anel de cabelo; ou à inflorescência delgada e sinuosa, com pedicelos patentes e curvados (Hoehne 1942). 2. Raposo (s.d.) cita o latim *cirrhæus, a, um*, do grego *kirrhaios, a, on* ‘habitante de Cirra, cirrense’, de *Kirra, as* ou *Kirra, as* ‘Cirra’, cidade da Fócida, Grécia, consagrada a Apolo. Orquídea nativa da Grécia (?).

Cleistes Rich. ex Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 409. 1840. – grego *kleistós, é, ón* ‘fechado’, derivado do verbo *kleiein* ‘fechar, cerrar’. O labelo e as pétalas divergem apenas próximo ao ápice, formando um tubo; assim, as flores parecem estar em botão, mesmo quando maduras.

Clowesia Lindl., Edwards’s Reg. Bot. 29(Misc.): 25. 1843. – do clérigo e orquidófilo inglês Reverendo John Clowes (1777-1846), vigário, durante 62 anos, da Igreja S. João de Manchester. Em seus últimos dez a doze anos de vida, ocupou-se no estudo de botânica e horticultura, possuindo uma das mais ricas coleções de orquídeas vivas.

Cochleanthes Raf., Fl. Tellur. 4: 45. 1837 [“1836”]. – grego *kókhlos, ou* ‘caracol; concha’ + *ánthē, ēs* ‘flor’; refere-se ao labelo cocleado e ao calo em forma de concha.



Chloraea membranacea



Christensonella pachyphylla



Chytroglossa marileoniae



Cirrhaea nasuta



Cleistes libonii



Clowesia warczewiczii



Cochleanthes flabelliformis

Codonorchis Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 410. 1840. – grego *kódōn,ōnos* ‘sino, sineta; campainha’ + *órkhis,ios* ‘orquídea’; refere-se às sépalas que são parcialmente concrecentes em um tubo campanulado. Alude também a uma linha que vai da abertura do tubo da corola até o ápice do labelo, adornada em ambos os lados com figuras que imitam campainhas.

Cohniella Pfitzer in Engl. & Prantl, Nat. Pflanzenfam. 2(6): 194. 1889. – do botânico e bacteriologista alemão Ferdinand Julius Cohn (1828-1898), o pai da bacteriologia moderna. Na obra *Untersuchungen über Bakterien* (1872), estabelece as bases da taxonomia e morfologia microbiológica, achando que as bactérias deveriam ser classificadas como plantas. Suas contribuições incluem um sistema de classificação e a descoberta dos esporos, com sua implicação na geração espontânea; + latim científico *-ella* ‘sufixo diminutivo’.

Comparettia Poepp. & Endl., Nov. Gen. Sp. Pl. 1: 42. 1836. – do médico e naturalista italiano Andrea Comparetti (1746-1801), professor em Veneza e Pádua. Escreveu *Occursus medici de vaga aegritudine infirmitatis nervorum* (1780), *Observationes Anatomicae de Aure Interna comparata* (1798) e *Riscontro clinico nel nuovo spedale regolamenti medico-pratici* (1799).

Constantia Barb.Rodr., Gen. Sp. Orchid. 1: 78. 1877. – de Constança Pacca Rodrigues, terceira e última esposa do autor, que além de o acompanhar em todas as suas expedições botânicas, foi sua auxiliar nos desenhos científicos de orquídeas e palmeiras.

Coppensia Dumort., Nouv. Mém. Acad. Roy. Sci. Bruxelles 9(3): 10. 1835. – do botânico belga Bernard Benoît Coppens (1756-1801), primeiro diretor do Jardim Botânico da Universidade de Gant (1797). Escreveu *Terminologie botanique à l'usage des Élèves de l'École centrale du Département de l'Escaut* (1797).

Coryanthes Hook., Bot. Mag. 58: t. 3102. 1831. – grego *kórys,ÿthos* ‘capacete’ + *ánthē,ēs* ‘flor’; referindo-se à forma do labelo.

Corymborkis Thouars, Nouv. Bull. Sci. Soc. Philom. Paris 1: 318. 1809. – grego *kórymbos,ou* ‘cacho’ + *órkhis,ios* ‘orquídea’; por causa da inflorescência corimbosa de algumas espécies.

Cotylobium Garay, Bot. Mus. Leaflet. 28(4): 307. 1982 [“1980”]. – grego *kotýlē,ēs* ‘cavidade’ + latim *lābium,-ī* ‘lábio’, aludindo à base côncava do labelo.

Cranichis Sw., Prodr.: 8, 120. 1788. – origem duvidosa: 1. provavelmente derivado do latim medieval *crānium*, do latim tardio *crānīōn*, do grego *krānīon,ou* ‘crânio’; refere-se ao formato de capacete do labelo côncavo. 2. talvez do grego dórico *krána,as* ‘fonte d’água’ + *ékhein* ‘levar, ter; conter’, em alusão às folhas nascendo da



Cohniella cebolleta



Comparettia coccinea



Constantia cipoensis



Coppensia mantiqueirensis



Coryanthes pacaraimensis



Corymborkis flava



Cranichis candida

base da planta (em roseta), de cujo centro ergue-se uma alta inflorescência, mostrando na parte mais elevada um racemo de flores, dando a idéia de um esguicho ou repuxo de uma fonte (Raposo 1998).
3. derivado do grego *krános, eos, ous* ‘elmo’, aludindo possivelmente ao labelo côncavo, que lembra um elmo projetando-se sobre a coluna, quando a flor é vista de frente (Schultes & Pease 1963).

***Cryptarrhena* R.Br.**, Bot. Reg. 2: t. 153. 1816. – grego *kryptós, é, ón* ‘oculto, secreto’ + *árrhēn, ēnos* ‘macho’, devido ao clinândrio bem desenvolvido e coberto, que envolve a antera.

***Cyanaeorchis* Barb.Rodr.**, Gen. Sp. Orchid. 1: 112. 1877. – latim *Cyānē, ēs* ‘Cíane; fonte de Cíane, no território de Siracusa’, do grego *Kyāné, és* ‘Cíane’, de *kyānós, é, ón* ‘azul-escuro’, lembrando a cor azul das águas. Na mitologia romana, Cíane é uma ninfa da Sicília, companheira de Prosérpina e transformada por Plutão em fonte; + grego *órkhis, ios* ‘orquídea’. Alusão ao hábito aquático dessa orquídea.

***Cyclopogon* C.Presl**, Reliq. Haenk. 1(2): 93. 1827. – grego *kýklos, ou* ‘círculo, redondo’ + *pógôn, ónos* ‘barba’, por causa da base externamente pubescente das sépalas. Segundo Schultes & Pease (1963), refere-se à coluna graciosamente delgada e arqueada das flores masculinas (?).

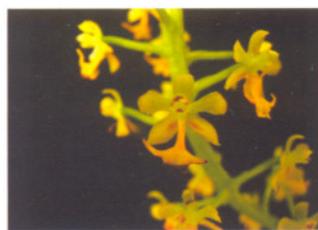
***Cycnoches* Lindl.**, Gen. Sp. Orchid. Pl.: 154. 1832. – malformação do latim *cycnus, ī*, do grego *kýknos, ou* ‘cisne’, + grego *aukhén, énos* ‘pescoço, nuca’, por causa da coluna alongada, fina e arqueada das flores estaminadas, que sugere o pescoço de um cisne.

***Cyrtopodium* R.Br.** in W.T.Aiton, Hortus Kew., ed. 2. 5: 216. 1813. – grego *kyrtós, é, ón* ‘curvo, convexo’ + *pódion, ou* ‘pezinho’, de *poús, podós* ‘pé’ + *-ion* ‘sufixo diminutivo’; aludindo ao pé da coluna curvo na parte superior.

***Dichaea* Lindl.**, Gen. Sp. Orchid. Pl.: 208. 1833. – grego *dikhaios, a, on* ‘dividido em duas partes’, de *dikhá* ‘divisão em dois’, de *di-*, de *dís* ‘duas vezes, duplo’, + *keiein* ‘dividir’; aludindo à disposição das folhas nos caules, crescendo em duas fileiras opostas. Urpia (1949) dá outro significado: nome caracterizado pelo sistema de crescimento da planta, no qual o eixo principal bifurca-se repentinamente e em sentido vertical, formando assim um monopódio.

***Dictyophyllaria* Garay**, Bot. Mus. Leaf. 30(4): 231. 1986. – grego *diktyon, ou* ‘rede de caça ou pesca’ + *phylláron* ‘folha pequena’, de *phýllon, ou* ‘folha’ + *-ion* ‘sufixo diminutivo’, descrevendo a venação reticulada das folhas e das brácteas.

***Dimerandra* Schltr.**, Repert. Spec. Nov. Regni Veg. Beih. 17: 43. 1922. – grego *di-*, de *dís* ‘duas vezes, duplo’, + *méros, eos, ous* ‘parte, porção’ + *anér, andrós* ‘homem’, devido ao apêndice estendido



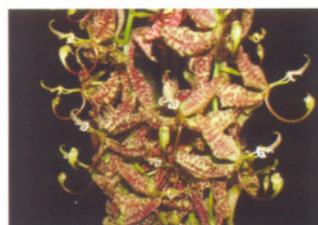
Cryptarrhena kegelii



Cyanaeorchis arundinae



Cyclopogon elegans



Cycnoches pentadactylon



Cyrtopodium holstii



Dichaea pendula



Dictyophyllaria dietschiana

horizontalmente em cada lado da antera. Para Schultes & Pease (1963), em alusão provavelmente aos dois lobos grandes e reflexos do clinândrio.

Discyphus Schltr., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 15(438-443): 417. 1919. – grego *di-*, de *dís* ‘duas vezes, duplo’, + *skýphos*, ou ‘copo de beber’, em referência à porção receptiva do estigma consistindo de duas cavidades separadas e em forma de copo.

Dryadella Luer, Selbyana 2(2-3): 207. 1978. – latim *dryās, ādis* ‘ninfa dos bosques’, do grego *Dryās, ádos* ‘Driade, ninfa cuja vida estaria ligada à de uma determinada árvore, com a qual morria quando o vegetal morria ou era cortado’, derivado de *drýs, drÿós* ‘árvore; carvalho’; + latim científico *-ēlla* ‘sufixo diminutivo’. O diminutivo alude ao pequeno porte da planta.

Duckeeela Porto & Brade, Anais Reunião Sul-Amer. Bot. 3: 31. 1940 [“1938”]. – do entomologista (estudou as abelhas) e botânico italiano, naturalizado brasileiro, Walter Adolpho Ducke (1876-1959), membro da Academia Brasileira de Ciências. Pesquisador, pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, da Floresta Amazônica brasileira por cerca de 60 anos. Os resultados de seus estudos sobre plantas amazônicas foram divulgados em cerca de 120 publicações, onde foram descritos aproximadamente 1.000 novas espécies (500 leguminosas) e 50 novos gêneros. Autor de *As Leguminosas da Amazônia brasileira* (1939); + latim científico *-ēlla* ‘sufixo diminutivo’.

Dungsia Chiron & V.P.Castro, Richardiana 2(1): 11. 2002. – do botânico alemão Fritz Dungs (1915-1977), co-autor de *Orchidaceae Brasilienses* (2 volumes, 1975-77), com Pabst.

Dunstervillea Garay, Venez. Orchids Ill. 5: 70. 1972. – do orquidólogo e ilustrador botânico inglês Galfrid Clement Keyworth Dunsterville (1905-1988), colaborador de Garay nas obras *Venezuelan orchids illustrated* (6 volumes, 1959-76) e *Orchids of Venezuela: an illustrated field guide* (3 volumes, 1979). Seguiu carreira de 35 anos na indústria de petróleo Shell. Seu trabalho na empresa o levou à Venezuela (1947), onde permaneceu após sua aposentadoria como presidente da Shell Venezuela (1959). Outras de suas publicações são *An introduction to the world of orchids* (1964), *Field guide to orchids of Venezuela* (1979) e *Orchids of Venezuela* (1987). Com sua esposa Ellinor Freeman Dunsterville (1904-2004), escreveu *Orchid hunting in the lost world (and elsewhere in Venezuela)* (1988).



Dimerandra emarginata



Dryadella edwallii



foto: Gustavo Romero

Duckeeela adolphii



Dungsia marcaliana

Obs.: fotos de M. A. Campacci exceto as já anotadas o autor

Referências Bibliográficas

- Barros, F., Vinhos, F., Rodrigues, V.T., Barberena, F.F.V.A. & Fraga, C.N. 2010. Orchidaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/FB000179>.
- Blanco, M.A., Carnevali, G., Whitten, W.M., Singer, R.B., Koehler, S., Williams, N.H., Ojeda, I., Neubig, K.M. & Endara, L. 2007. Generic realignments in Maxillariinae (Orchidaceae). *Lankesteriana* 7(3): 515-537.
- Campacci, M.A. 2003. *Bifrenaria*. *Coletânea de Orquídeas Brasileiras* 2: 33-64.

- Chase, M.W., Williams, N.H., Faria, A.P., Neubig, K.M., Amaral, M.C.E. & Whitten, W.M. 2009. Floral convergence in Oncidiinae (Cymbidieae; Orchidaceae): an expanded concept of *Gomesa* and a new genus *Nohawilliamsia*. *Annals of Botany (Oxford)* 104(3): 387-402.
- Christenson, E.A. & Jenny, R. 1996. *Archivea* Christenson & Jenny: um gênero perdido do Brasil (Orchidaceae: Stanhopeinae). *Orquidário* 10(2): 37-40.
- Cogniaux, A. 1893-1896. Orchidaceae. In: C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban (eds.). *Flora Brasiliensis* 3(4): 1-672.
- Cogniaux, A. 1898-1902. Orchidaceae. In: C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban (eds.). *Flora Brasiliensis* 3(5): 1-663.
- Cogniaux, A. 1904-1906. Orchidaceae. In: C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban (eds.). *Flora Brasiliensis* 3(6): 1-604.
- Docha Neto & Baptista, D.H. 2008 [2005]. Preliminary checklist of the Orchidaceae of Brazil. *Orchidstudium* Project. <http://www.orchidstudium.com/especies3.html>.
- Faria, E. 1975. *Dicionário escolar latino-português*, 5ª ed., rev. FENAME, Rio de Janeiro.
- Gaffiot, F. 1934. *Dictionnaire illustré latin-français*. Hachette, Paris.
- Garay, L.A. 1982. A generic revision of the Spiranthinae. *Botanical Museum Leaflets* 28(4): 278-425.
- Gerlach, G. 2009. *Acineta* In: A.M. Pridgeon, P.J. Cribb, M.W. Chase & F.N. Rasmussen (eds.). *Genera Orchidacearum* 5: 399-402.
- Hoehne, F.C. 1940. Orchidaceae. In: F.C. Hoehne (ed.). *Flora Brasílica* 12(1): 1-254, t. 1-153.
- Hoehne, F.C. 1942. Orchidaceae. In: F.C. Hoehne (ed.). *Flora Brasílica* 12(6): 1-218, t. 1-137.
- Hoehne, F.C. 1945. Orchidaceae. In: F.C. Hoehne (ed.). *Flora Brasílica* 12(2): 1-389, t. 1-210.
- Hoehne, F.C. 1953. Orchidaceae. In: F.C. Hoehne (ed.). *Flora Brasílica* 12(7): 1-397, t. 1-181.
- Lebaigue, C. 1881. *Dictionnaire latin-français rédigé spécialement à l'usage des classes d'après les travaux des lexicographes les plus estimés et suivi d'un appendice sur la métrologie, les monnaies et le calendrier des Romains*, ed. 9. Eugène Belin, Paris.
- Lindley, J. 1832. *Bifrenaria*. In: *The Genera and Species of Orchidaceous Plants*: 152.
- Mayr, H. 1998. *Orchid names and their meanings*. A.R.A. Gantner, Vaduz.
- Pabst, G.F.J. & Dungs, F. 1975. *Orchidaceae Brasilienses*, v. 1. Kurt Schmiersow, Hildesheim.
- Pabst, G.F.J. & Dungs, F. 1977. *Orchidaceae Brasilienses*, v. 2. Kurt Schmiersow, Hildesheim.
- Pickering, J. 1832. *A Greek and English lexicon*; adapted to the authors read in the colleges and schools of the United States, and to other Greek classics, ed. 3. Hilliard, Gray, Little & Wilkins, Boston.
- Pridgeon, A.M. 2005a. *Anathallis*. In: A.M. Pridgeon, P.J. Cribb, M.W. Chase, & F.N. Rasmussen. (eds.). *Genera Orchidacearum* 4: 331-334.
- Pridgeon, A.M. 2005b. *Brachionidium*. In: A.M. Pridgeon, P.J. Cribb, M.W. Chase, & F.N. Rasmussen. (eds.). *Genera Orchidacearum* 4: 339-340.
- Raposo, J.G. 1998. *Dicionário etimológico das orquídeas do Brasil: a etimologia a serviço dos orquidófilos*. Ave Maria, São Paulo.
- Raposo, J.G. [s.d.]. *A etimologia a serviço dos orquidófilos*, v. 1. Ave Maria, São Paulo.
- Salazar, G.A. 2003. *Eurystyles*. In: A.M. Pridgeon, P.J. Cribb, M.W. Chase & F.N. Rasmussen (eds.). *Genera Orchidacearum* 3: 204-207.
- Schultes, R.E. & Pease, A.S. 1963. *Generic names of orchids: their origin and meaning*. Academic Press, New York.
- Singer, R.B., Koehler, S. & Carnevali, G. 2007. *Brasiliorchis*: a new genus for the *Maxillaria picta* Alliance (Orchidaceae, Maxillariinae). *Novon* 17(1): 91-99.
- Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2005. *Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II*. Instituto Plantarum de Estudos da Flora, Nova Odessa.
- Urpia, H. 1949. *Dicionário etimológico das orquídeas*. Artes Gráficas, Salvador.
- Whitten, W.M., Williams, N.H. & Chase, M.W. 2000. Subtribal and generic relationships of Maxillarieae (Orchidaceae) with emphasis on Stanhopeinae: combined molecular evidence. *American Journal of Botany* 87(12): 1842-1856.
- Woodhouse, S.C. 1910. *English-Greek dictionary: a vocabulary of the Attic language*. George Routledge & Sons, London.

ABSTRACT

Leonardo Ramos S. Guimarães conducts a detailed study of the origin of names of genera of the Brazilian orchids. This study is divided into parts, of which this is the first.

(MAC)

(1) Leonardo Ramos Seixas Guimarães
 - Instituto de Botânica
 Caixa Postal 3005 - São Paulo, SP
 CEP 01061-970
 e-mail: leo.rsguimaraes@hotmail.com

